

As Categorias Analíticas na Historiografia Linguística: um Estudo em Dissertações e Teses na Área

Analytical Categories in Linguistic Historiography: a Study of Dissertations and Theses

Meryane Sousa Oliveira*
Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos**

RESUMO

O objetivo do texto em tela é apresentar um estudo sobre as *categorias analíticas* mais recorrentes em trabalhos da Historiografia Linguística (doravante, HL), a partir da observação de materiais produzidos por pesquisadores da área. Nesse sentido, buscou-se, por meio de um levantamento em materiais como dissertações e teses, produzidas entre os anos de 2005 e 2020, investigar quais as *categorias* mais recorrentes nesses materiais e que noções conceituais estão ligadas a elas. A pesquisa contou com um *corpus* constituído por 67 dissertações e 31 teses. O estudo foi baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da HL (ou caros a ela) e, por meio deles, intentou-se promover uma reflexão, mesmo que introdutória, sobre os recursos que auxiliam o historiógrafo na organização e na interpretação dos dados de uma pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística. Categorias de análise. Dissertações. Teses.

Recebido em 12 de março de 2023.

Aceito em 5 de maio de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n66.1359>

* Universidade Federal do Piauí, meryaneoliveira@yahoo.com.br.
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-8267-1646>.

** Universidade Federal do Piauí, marcelodosanjos@ufpi.edu.br.
Orcid <https://orcid.org/0000-0001-9151-2658>.

ABSTRACT

This text aims to present a study of the most frequently occurring analytical categories in works of linguistic historiography (hereafter HL) through the observation of materials produced by researchers in the field. In this sense, through a study of materials such as theses and dissertations produced between 2005 and 2020, we seek to identify which categories are most frequently found in these materials and which conceptual terms are associated with them. The study included a corpus of 67 theses and 31 dissertations. The study was based on the theoretical-methodological assumptions of HL (or those relevant to it). Its aim was to promote a reflection, albeit an introductory one, on the resources that help the historiographer to organize and interpret the data of an investigation.

KEYWORDS: Linguistic Historiography. Analysis categories. Theses. Doctoral dissertations

Introdução

Um dos princípios gerais da área da HL considera que ao historiógrafo da Linguística cabe a tarefa de “tentar estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão” (KOERNER, 2014 [1995], p. 58). Nesse sentido, a análise sobre os fenômenos, tanto do ponto de vista teórico como crítico, requer a proposição de um quadro de trabalho que favoreça o entendimento, o mais completo possível, do objeto investigado. No que se refere especificamente às *categorias* que auxiliam na composição da análise dos materiais na HL, percebe-se que a iniciativa de conceituar e/ou selecionar essas *categorias*, além de ser uma tarefa particular de cada historiógrafo, defronta-se com a dificuldade de não ser uma questão ainda tão bem definida na área. De fato, a concepção de que algo pode vir a dar suporte às análises, no sentido de favorecer o agrupamento de informações, de dados, de unidades de um *corpus* etc., pode levar o pesquisador a buscar tais elementos a fim de legitimar ainda mais seu trabalho.

O trabalho historiográfico, de acordo com Altman (1998), requer uma atividade de “seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos

fatos relevantes (história *rerum gestarum*) para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo” (ALTMAN, 1998, p. 24), assim, as historiografias se constituem a partir da seleção e do estabelecimento de materiais que servirão à pesquisa, da demarcação de um período que inclui, mas que também exclui materiais e da interpretação dada às informações levantadas.

Neste texto, portanto, pretende-se refletir sobre a noção de *categoria analítica* a partir do uso dessa noção em textos acadêmicos, como dissertações e teses. Este estudo contou com um conjunto de dados produzidos e publicados entre os anos de 2005¹ e 2020. No total, foram analisados 98 materiais² que constituíram o *corpus* da pesquisa, sendo 67 dissertações de mestrado e 31 teses de doutorado. O objetivo principal é promover uma reflexão sobre as noções que envolvem as *categorias analíticas* mais recorrentes em trabalhos produzidos na área, ou seja, buscou-se avaliar como essas *categorias* são entendidas e como são usadas em textos acadêmicos que possibilitam esse tipo de discussão. Para tanto, primeiramente, será feita uma discussão sobre as dificuldades de conceitualizar o que se entende por *categorias analíticas* na HL, seguida da análise do *corpus* selecionado para este estudo e, por fim, serão apresentadas algumas considerações finais no intuito de retomar aspectos importantes tratados neste trabalho.

-
- 1 O recorte da pesquisa (2005-2020) se justifica pelo fato de o ano de 2005 ser o ano do primeiro material, dissertação/tese na área da HL, ao qual se teve acesso (via Repositório Institucional) para a composição deste *corpus*. Optou-se, ainda, por delimitar o ano de 2020 como o limite para a busca feita nos bancos de dados das universidades, representando quase 20 anos de desenvolvimento de pesquisas em HL na pós-graduação brasileira. Além disso, a composição do *corpus* deste trabalho parte da pesquisa de doutorado de Oliveira (2022), que identifica 35 pesquisadores brasileiros na área da HL, sendo que, dos 35 pesquisadores, 15 apresentam, no *Lattes*, informações sobre orientações em que a HL aparece como suporte teórico-metodológico das pesquisas. O *corpus*, portanto, baseia-se nas dissertações e teses orientadas pelos pesquisadores considerados precursores da área no Brasil.
 - 2 Certamente, o número de dissertações e teses nos *Lattes* dos pesquisadores na área da HL é superior ao número investigado nesta pesquisa, no entanto, para este estudo só foi possível ter acesso aos 98 materiais mencionados.

1. Desafios para a proposição de um conceito para as *categorias* em HL

O uso de *categorias analíticas* que auxiliam na organização e na interpretação dos dados de uma pesquisa é um fator que acaba por envolver, de certa forma, a credibilidade das informações científicas, tendo em vista que o uso delas redireciona a pesquisa para uma rede de outros pesquisadores/pesquisas que a antecederam e que, por já terem sido validadas pela comunidade científica, oferecem certa confiabilidade acadêmica. Entretanto, nem sempre é tarefa fácil identificar que *categorias* servem à HL. A partir do estudo feito para esta pesquisa, observou-se que, dentre as possíveis razões que poderiam estar atreladas à dificuldade de definir essas *categorias*, estaria o fato de que nem sempre é possível identificar nos textos conceitualizações sobre o que se entende por *categoria de análise* ou, ainda, o fato de, ao serem utilizadas, não haver tanto consenso no que se refere às *categorias* mais recorrentes na área.

O manuseio com materiais da área da HL permite observar, muitas vezes, a pouca uniformidade quanto ao uso e à definição do que sejam essas *categorias*, por vezes, alcunhadas de “categorias analíticas”, “categorias interpretativas” ou, ainda, “categorias historiográficas de análise”. Para além dessa observação mais geral, é fundamental considerar, antes de tudo, as fontes que revelam/proporcionam diretamente esse tipo de observação, tais como: artigos, capítulos de livros e outros textos acadêmicos. Entretanto, nesta pesquisa, como já se disse, o destaque será para dissertações e teses³, as quais utilizam, pela própria natureza do trabalho, elementos que favorecem a compilação, organização, explicação e interpretação de uma quantidade de dados mais extensos. Um olhar pontual para esses materiais possibilita

3 As dissertações e teses, pela própria natureza, são textos que apresentam, além da análise de dados relacionados a um objeto investigado, seções que envolvem a exposição de questões teóricas e metodológicas que embasam a pesquisa e, por este fato, são consideradas neste estudo como textos acadêmicos favorecedores da identificação de *categorias analíticas*.

uma reflexão sobre essas *categorias* que muito auxiliam o historiógrafo nas análises quando este empreende uma pesquisa em HL.-

De acordo com Bartelmebs (2013), “as categorias são processos analíticos que agrupam as unidades de um *corpus* de análise, isto é, dos dados coletados na pesquisa” (BARTELMEBS, 2013, p. 4). Seguindo esta ideia, por *categoria*, pode-se entender um meio de operar com a análise dos dados de modo a organizá-los, separá-los ou uni-los, classificá-los, bem como de auxiliar na descrição e, conseqüentemente, na interpretação das informações.

Swiggers (2004), sobre o trabalho do historiógrafo, assevera que “o historiador não pode realizar sua tarefa historiográfica sem recorrer a categorias”⁴ (SWIGGERS, 2004, p. 14) e, baseado nas ideias de Chaim Perelman (1969), afirma que as *categorias* podem ser entendidas como “unidades de classificação e como formas de comunicação com o leitor”⁵ (*op. cit.*, p. 14). Nesse sentido, seguindo a proposta de Swiggers (2004), entende-se que as *categorias* empregadas por parte dos historiógrafos favorecem a organização dos dados, possibilitando que estes sejam avaliados em uma perspectiva mais global.

Ao se discutir e propor domínios para a pesquisa, as escolhas teóricas e metodológicas colocam certos limites para a pesquisa e para o pesquisador, limites esses que se apresentam como essenciais na construção de problemáticas e, conseqüentemente, de resultados aos quais se pretende chegar. Assim, a seleção de determinadas *categorias* viabiliza a coleta, organização, análise e interpretação dos dados, de modo que elas se constituem como um recurso metodológico que traz à tona elementos que podem ser “peças-chave” na produção e na análise de determinado conhecimento linguístico. Em outras palavras, as *categorias analíticas* buscam viabilizar que os dados possam ser analisados em conjunto

4 Ver texto original: “*el historiador no puede alcanzar su tarea historiográfica sin el recurso a categorías*” (SWIGGERS, 2004, p. 14).

5 Ver texto original: “*unidades de clasificación (y como formas de comunicación con el lector)*” (SWIGGERS, 2004, p. 14).

e, como consequência disso, o pesquisador em HL pode estabelecer relações possíveis de serem aplicáveis a determinados contextos analíticos.

Swiggers (2004), ao entender as *categorias analíticas* como “unidades de classificação” (SWIGGERS, 2004, p. 14), destaca a importância delas como recurso de sistematização das informações, inclusive as mais gerais. Interessante, ainda, notar o entendimento que outros autores da área da HL têm com relação às *categorias*, como é possível observar no trabalho de Coelho, Nóbrega e Alves (2021), quando afirmam que as “categorias têm flutuações e rearranjos, a depender dos *corpora* ou dos problemas abordados, mas constituem uma espécie de núcleo descritivo-analítico de várias pesquisas [...]” (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021, p. 14). De modo geral, isto poderia significar que as *categorias analíticas* são elementos importantes em um trabalho historiográfico por sistematizarem conceitos, no entanto, não deveriam ser entendidas como unidades fixas, ou seja, não haveria uma única maneira de se empregar e de se entender as *categorias* em HL. Ademais, há que se levar em consideração que a extensão do *corpus* ou mesmo os problemas levantados por cada pesquisa/pesquisador requerem um olhar e um tratamento diferenciado para os materiais e para os dados.

Isto posto, cumpre discutir aspectos relacionados ao uso e à aplicação das noções relacionadas às *categorias de análise* em dissertações e teses da área da HL, o que se fará na seção a seguir.

2. As *categorias de análises* em dissertações e teses

Em HL, qualquer que seja o objeto investigado, é fundamental que o historiógrafo deixe claro “no seu texto os critérios de relevância que utilizou para selecionar essa ou aquela ideia, ou obra, ou agentes, para que relações possam ser estabelecidas entre eles” (ALTMAN, 2021, p. 239). Essa premissa requer, pois, que sejam explicitados os recursos metodológicos que serviram de base para este artigo. Neste quesito, o recurso metodológico utilizado foi o de *mapeamento* que, segundo Coelho, Nóbrega e Alves (2021), constitui-se de

uma espécie de descrição inicial da documentação de pesquisa, que procura trazer à tona suas características mais básicas enquanto ‘reflexo (ou depósito) material’ (nas palavras de SWIGGERS, 2013, p. 42) do conhecimento linguístico produzido em determinadas circunstâncias ao longo do tempo” (COELHO; NÓBREGA; ALVES, 2021, p. 15).

Assim, *mapear* inclui proceder a um levantamento das e nas fontes no intuito de localizar as informações, reunir os dados e, por fim, promover um tratamento desses dados coletados.

A composição do *corpus* deste trabalho parte da pesquisa de doutorado de Oliveira (2022), que identifica 35 pesquisadores brasileiros na área da HL⁶. Após a identificação dos nomes dos principais pesquisadores na área da HL no Brasil, passou-se à busca, no *Lattes* dos pesquisadores, pelo tópico “Orientações e supervisões concluídas”, que incluem “Dissertação de mestrado” e “Tese de doutorado”. Dos 35 pesquisadores, 15⁷ apresentam orientações em que a HL aparece como suporte teórico-metodológico das pesquisas. A análise do *Lattes* dos pesquisadores permitiu que se chegasse a um número total de 98 materiais, sendo 67 dissertações e 31 teses. A busca se deu por meio dos filtros “categoria”, “categoria de análise” e algumas variações como “categorias analíticas”, “categorias interpretativas” e “categorias historiográficas de análise”⁸. A análise interna dos materiais possibilitou que

6 De acordo com Oliveira (2022), o grupo de 35 pesquisadores que serviu à pesquisa foi formado considerando os critérios de todos serem líderes intelectuais e organizacionais (nos termos de MURRAY, 1994) de grupos que se autodeclaravam desenvolver pesquisas em HL e terem uma produção consolidada na área.

7 Os pesquisadores que apresentam orientações na área da HL são: Maria Cristina Fernandes Salles Altman; Olga Ferreira Coelho Sansone; Marli Quadros Leite; Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos; Dieli Vesaro Palma; Jarbas Vargas Nascimento; Jean Cristtus Portela; Ronaldo de Oliveira Batista; Ricardo Stavola Cavaliere; Leonardo Ferreira Kaltner; Sebastião Elias Milani; José Borges Neto; José Marcelo Freitas de Luna; Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos; Francisco Eduardo Vieira da Silva.

8 Foram identificados, além do termo “categoria de análise”, os termos “categoria(s) analítica(s)”, “categoria(s) interpretativa(s)” e “categorias historiográficas de análise”. Durante a análise dos materiais que serviram de *corpus* para a pesquisa, observou-se uma

se chegasse a números relacionados ao uso do termo “categoria” nos materiais selecionados, como é possível visualizar na tabela a seguir:

Tabela: Uso do termo “categoria” em dissertações e teses

Quantidade de dissertações e teses	98
Quantidade de vezes que aparece o termo “categoria”	2.426
Quantidade de vezes que aparece o termo “categoria de análise”	175
Quantidade de vezes que aparece o termo “categoria de análise” com explicação	2

Fonte: Elaborado pelos autores

O mapeamento possibilitou que se vislumbrassem informações internas aos materiais, de modo que é notável, pelos números apresentados no quadro, que o uso do termo “categoria” se faz presente nos textos da área da HL, contudo, na maioria das vezes, esse uso não corresponde ao modo como se entende *categoria analítica* nesta pesquisa, como “unidade de classificação” (cf. Swiggers, 2004), mas, sim, como concepções específicas que remetem a ideias e noções de cada área. Os exemplos a seguir são amostras⁹ de como o uso do termo aparece nas dissertações e teses analisadas.

(D3_USP¹⁰) “As *categorias* linguísticas que respondem preferencialmente por este parâmetro são os *pronomes pessoais* de primeira e segunda pessoa [...]” (TORELLI, 2015, p. 84, grifos nossos).

flutuação na designação dos termos, isto é, havia mais de uma nomenclatura pra designar a mesma noção, assim, optou-se, na tabela 1, pela apresentação do termo “categoria de análise”, por ter sido considerado mais genérico. Na pesquisa os demais termos foram tratados como sinônimos.

- 9 Na tentativa de contemplar o universo das dissertações e teses, buscou-se, dentre as 98 dissertações e teses, apresentar pelo menos um exemplo das pesquisas orientadas pelos historiógrafos brasileiros.
- 10 D3_USP é a notação, ou seja, a representação por meio de caracteres, utilizada para identificar a dissertação n.3 presente no *Lattes* da pesquisadora orientadora da pesquisa, no caso Altman, da USP. A dissertação tem como autora Lygia Rachel Testa Torelli. Em casos análogos, será adotada a sistemática de apresentação do nome do

(T3_USP¹¹) “[...] quanto à natureza, dividem-se em ‘substantivas’, ‘adjetivas’ e ‘adverbiais’, conforme representam uma dessas três *categorias gramaticais*” (POLACHINI, 2018, p. 301, grifos nossos).

(D14_PUC-SP¹²) “Nesse caso, haveria apenas quatro *categorias gramaticais*: substantivo, adjetivo, verbo e advérbio” (FERNANDES, 2018, p. 90, grifos nossos).

(T3_PUC-SP¹³) “Destaca-se que, apesar de o cômico vincular-se à *categoria teatral*, com o passar do tempo, seu emprego ampliou-se de tal maneira [...]” (MENDES, 2010, p. 81, grifos nossos).

(D31_PUC-SP¹⁴) “[...] a partir dos elementos lexicais do texto, que são uma *categoria linguística* que mantém uma relação direta com os elementos extratextuais [...]” (NETO, 2008, p. 122, grifos nossos).

(T1_UNESP¹⁵) “visto que as *categorias sêmicas* gerais que formam as figuras têm a capacidade de sustentar e de enquadrar a descrição de tal modo que mesmo quando as manifestações figurativas ficam implícitas no discurso” (SANTOS, 2020, p. 49, grifos nossos).

(D7_MACKENZIE¹⁶) “[...] e a formação de *categorias gramaticais*, de âmbito morfológico ou sintático” (SILVA, 2016, p. 38, grifos nossos).

(T2_UFF¹⁷) “Afastando-se temporariamente do estudo do léxico e da fonética, o professor volta sua atenção às *categorias gramaticais*, em especial às noções de gênero masculino feminino e neutro [...]” (CASTRO, 2019, p. 109, *grifos nossos*).

orientador e do autor(a) da dissertação ou tese. O “D” inicial indica as dissertações e o “T” indica as teses.

- 11 T3_USP. Orientação de Coelho e autoria de Bruna Soares Polachini.
- 12 D14_PUC-SP. Orientação de Bastos e autoria de Victor Hugo Ramão Fernandes.
- 13 T3_PUC-SP. Orientação de Palma e autoria de Maria de Fátima Mendes.
- 14 D31_PUC-SP. Orientação de Nascimento e autoria de João Coelho da Rocha Neto.
- 15 T1_UNESP. Orientação de Portela e autoria de Flavia Karla Ribeiro Santos.
- 16 D7_MACKENZIE. Orientação de Batista e autoria de Paulo Henrique Gonçalves Oliveira da Silva.
- 17 T2_UFF. Orientação de Cavaliere e autoria de Giselle Trajano Ignacio Castro.

(D4_UFF¹⁸) “Segundo o artigo 62, existiria outra *categoria de prêmio*, a qual seria uma forma de presentear a menina e o menino que se destacassem [...]” (SANTOS, 2020, p.72, grifos nossos).

(D4_UFG¹⁹) “É possível observar a importância dessa *categoria* no texto de Dartigues [...]” (MOREIRA, 2014, p. 18, grifo nosso).

(T6_UFPR²⁰) “Como se sabe, ‘substância’ é uma *categoria* da lógica aristotélica [...]” (BECCARI, 2013, p. 52, grifo nosso).

(D8_UFPI²¹) “significa compreender o número como uma *categoria linguística*” (PIO, 2017, p. 84, grifos nossos).

(T1_UFPB²²) “[...] reside na constatação da ineficácia do ensino de língua voltado à identificação de *categorias linguísticas* em textos isolados de seu contexto de comunicação.” (SILVA, 2019, p. 132, grifos nossos).

Os exemplos ilustram um uso mais abrangente do termo “categoria” em textos acadêmicos da área. Como se pode observar, a maioria das ocorrências se relaciona à aplicação do termo associado às palavras “gramatical” ou “linguística”, mas também aparecem ocorrências relacionadas a outros conceitos e/ou concepções como “categoria teatral”, “categorias sêmicas”, só para citar alguns. Os exemplos acima também revelam que o termo “categoria” pode englobar desde noções relacionadas a unidades de análise gramatical como, por exemplo, pronome, substantivo, verbo, advérbio etc., até noções relacionadas a concepções linguísticas como, por exemplo, a noção de *categorias sêmicas*, dentre outras.

Admitida a alta frequência de uso do termo *categoria* nesses materiais, buscou-se mais precisamente pela ocorrência pontual de “categoria analítica” como uma espécie de “unidade de classificação” (cf. Swiggers, 2004) que se

18 D4_UFF. Orientação de Kaltner e autoria de Barbara Poubel dos Santos.

19 D4_UFG. Orientação de Milani e autoria de Patricia Veronica Moreira.

20 T6_UFPR. Orientação de Borges Neto e autoria de Alessandro Jocelito Beccari.

21 D8_UFPI. Orientação de Anjos e autoria de Gláucia Castro Aguiar Pio.

22 T1_UFPB. Orientação de Vieira e autoria de Leonardo Gueiros da Silva.

constitui, dentro dos textos, como elementos favorecedores de uma análise que envolve a descrição e a organização dos dados. Partindo dos dados apresentados no quadro, os números evidenciam a presença e o emprego dessas *categorias*, por parte dos pesquisadores, nas análises empreendidas. O quadro a seguir ilustra as *categorias analíticas* mais recorrentes em trabalhos historiográficos e, conseqüentemente, o entendimento e a aplicação delas nesses materiais²³.

Quadro: Categorias analíticas mais recorrentes em dissertações e teses

Orientador/ Instituição	Categoria de análise	Número no Lattes e ano da dissertação/tese
Altman/USP	Continuidade/descontinuidade	(T4_2007)
	Dimensão interna/externa	(T2_2013) (T3_2008)
	Formas de argumentação	(T4_2007)
	Grupos de especialidade	(T4_2007)
	Parâmetros de análise interno/externo	(D3_2015) (D8_2009) (D9_2008) (T1_2014) (T5_2006)
	Programas de investigação	(T4_2007)
	Reconstruções interna/externa	(T4_2007)
	Retóricas de ruptura	(T4_2007)
	Tipo de retórica	(D9_2008)

23 O quadro apresenta as seguintes informações: orientador da pesquisa, instituição a qual a pesquisa está vinculada, *categorias de análise* identificadas nos textos e referência à dissertação ou tese em que as *categorias* foram identificadas, seguida do ano de publicação.

Coelho/USP	Influência	(D1_2016)
	Prestígio social	(D1_2016)
	Programa de investigação	(D2_2015 ²⁴)
Bastos/PUC-SP	Argumento de influência	(D10_2015)
	Dimensão interna/externa	(D12_2014)
	Grupos de especialidade	(D10_2015)
	Paradigmas	(D10_2015)
	Programas de investigação	(D10_2015)
	Questão da recepção	(D10_2015)
	Revoluções científicas	(D10_2015)
	Tradição de pesquisa	(D10_2015)
Palma/ PUC-SP	Retórica	(T2_2018)
		(T3_2010)
Nascimento/PUC-SP	Argumento da influência	(D26_2009) (D32_2007) (D33_2007) (D40_2007)
Batista/Mackenzie	Clima de opinião	(D6_2019)
	Grupos de especialidades	(D13_2015)
	Grupos de investigação	(D6_2019)
	Programas de investigação	(D6_2019)
	Retórica	(D6_2019) (D13_2015)
Cavaliere/UFF	Clima de opinião	(D1_2019)
	Influência	(T3_2015)

24 A autora da dissertação nomeia a seção de “Princípios gerais de análise” (BORGES, 2015, p. 27), no entanto, na página 31, a autora especifica a informação por meio do termo “categoria”.

Anjos/UFPI	Argumento da influência	(D2_2020)
	Continuidade/descontinuidade	(D8_2017)
	Dimensão interna/externa	(D5_2018) (D6_2017)
	Influência	(D6_2017)
	Programas de investigação	(D1_2020) (D2_2020)
	Retórica do autor	(D2_2020) (D6_2017)
	Tradição	(D6_2017) (D8_2017)
Vieira/UFPB	Clima de opinião	(D1_2020)
	Continuidade/descontinuidade	(T1_2019)
	Dimensão interna/externa	(T1_2019)
	Programas de investigação	(T1_2019)
	Retórica	(D1_2020)

O quadro apresenta informações sobre as terminologias utilizadas pelos pesquisadores da área para se referirem às *categorias* elencadas em seus trabalhos. A partir disso, é possível observar que, considerando o período que serviu de base para esta pesquisa, destaca-se, na USP, 11 tipos de designações diferentes de *categorias*, em 17 dissertações e teses consultadas. A *categoria* mais utilizada pelos pesquisadores da referida instituição é “parâmetros de análise interno/externo”, a qual só ocorre nos trabalhos orientados por Altman. Observou-se, ainda, que essa categoria ou uma noção próxima a ela aparece sob as designações de “Dimensão interna/externa” e “Reconstruções interna/externa” e ocorrem em 7 dos 17 trabalhos analisados, o que corresponde a 41% do total das ocorrências. Chama atenção, ainda, o fato de, em termos quantitativos, a segunda *categoria* mais recorrente, também só constando nas orientações de Altman, ser “retórica”, sob as designações de “Retóricas de ruptura” e “Tipo de retórica”. Em termos percentuais, a quantidade equivale

a aproximadamente 12% do total. Já a terceira *categoria* mais recorrente “Programa de investigação” ocorre em trabalhos orientados por Altman e por Coelho, uma vez para cada orientadora, o que representa aproximadamente 12% do total. As demais *categorias* são contabilizadas apenas com uma ocorrência cada.

Na PUC-SP, foram identificadas 9 *categorias*, sendo “argumento da influência” a mais recorrente. Essa *categoria* aparece nos trabalhos orientados por Bastos e Nascimento, totalizando 5 ocorrências, o que corresponde a aproximadamente 36% dos casos. Nos trabalhos orientados por Nascimento, ela é a única *categoria* identificada, já em Bastos só consta 1 ocorrência, em uma dissertação. Nos dois trabalhos orientados por Palma só constam a *categoria* “Retórica”, o que representa 14% em termos percentuais. As outras 7 *categorias* ocorrem uma vez cada.

No Mackenzie, nos trabalhos orientados por Batista, verificou-se 5 tipos de *categorias*, sendo “retórica” a mais utilizada, a qual foi localizada em 2 dissertações, o que equivale a 33% do total.

Na UFF, em trabalhos orientados por Cavaliere, as *categorias* identificadas são “clima de opinião” e “influência”, cada uma ocorrendo uma única vez.

Na UFPI, em trabalhos orientados por Anjos, foram localizadas 7 *categorias*, em 11 dissertações. As que aparecem com maior frequência são as *categorias* “dimensão interna/externa”, “programas de investigação”, “retórica do autor” e “tradição”, cada uma delas ocorrendo 2 vezes, o que corresponde a 18% do total.

Na UFPB, identificou-se 5 *categorias* distintas “clima de opinião”, “continuidade/descontinuidade”, “dimensão interna/externa”, “programas de investigação” e “retórica”, cada uma ocorrendo uma única vez.

Além dessas informações quantitativas, percebeu-se que algumas das *categorias*, apesar de receberem designações distintas, podem estar representando as mesmas ideias, como já mencionado, é o caso, por exemplo, das *categorias* nomeadas de “dimensão interna/externa”, “parâmetros

de análise interno/externo” e “reconstruções interna/externa” que estão relacionadas aos enfoques dados à pesquisa, que podem estar atrelados ao conteúdo linguístico propriamente dito, no caso do que se entende por “interno”, ou, ainda, ao contexto de produção em que o fato linguístico foi produzido, no que se entende por “externo”. Outras *categorias* que podem estar representando as mesmas noções são as designadas de “retóricas de ruptura”, “tipo de retórica”, “retórica do autor” e “formas de argumentação”, que visam analisar os posicionamentos teóricos de indivíduos ou grupos pesquisados, além das mencionadas *categorias* “influência” e “argumento da influência”, em que se busca, na maioria das vezes, investigar as possíveis influências existentes entre textos, autores, obras etc.

A partir das descrições supra, pode-se observar a diversidade de *categorias* usadas nos trabalhos pelos diferentes pesquisadores, não sendo comum, no *corpus* analisado, o predomínio de uma categoria em relação a outra, seja entre as pesquisas orientadas pelo mesmo orientador, seja por pesquisas desenvolvidas em uma mesma instituição, aspecto que pode estar relacionado ao fato de ser próprio da área da HL essa maior liberdade de escolha por parte de cada pesquisador, visto não haver na área uma metodologia específica, mas metodologias possíveis, ou seja, a HL não dispõe de uma única metodologia, ficando a cargo do historiógrafo a decisão por qual metodologia seguir, assim, é função do historiógrafo da Linguística estabelecer seus critérios metodológicos e explicitar para a comunidade científica quais fundamentações justificam suas escolhas e procedimentos.

Sobre o uso de terminologias na área da Linguística, Swiggers (2010), em texto intitulado *Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminografie linguistiques*, propõe-se a fornecer um quadro de reflexão sobre o problema que envolve a Linguística no que diz respeito a sua terminologia e a sua terminografia, assim, o autor toca em um ponto importante para a área relacionado aos problemas mais relevantes na definição de certos termos em qualquer área ou disciplina. Para Swiggers (2010), independentemente de os termos terem sido recebidos, herdados,

criados etc., há dois pontos principais que envolvem esta discussão, a saber: o *status* de definição e a calibração dos termos. O primeiro ponto deve ser considerado extremamente importante por envolver a sistematização de uma terminologia que beneficia as ciências da linguagem, incluindo aí a Linguística e suas áreas de especialidades, visto que considera toda a complexidade que envolve a tradução de termos, a adequação de terminologias etc. O segundo ponto envolve o entendimento de que os termos técnicos, ao serem compartilhados com outras disciplinas, devem ser maleáveis e ajustáveis à determinada área no sentido de que podem, a depender do uso, provocar problemas conceituais ou empíricos, daí a importância da moderação ou, nos termos do autor, calibragem no uso. No caso específico desta pesquisa, a discussão pode ser melhor aproveitada quando se considera os termos e o uso dessas categorias na análise dos materiais selecionados.

O mapeamento também mostrou que a *categoria analítica* mais recorrente nas dissertações e teses analisadas é “dimensão ou parâmetro interno/externo”, sendo utilizada em 11 dos trabalhos investigados, seguida das *categorias* “programas de investigação”, “retórica” e “influência”, cada uma delas aparecendo em 6 dos trabalhos pesquisados.

A partir das informações coletadas e compiladas no quadro, é possível verificar que, se comparadas as instituições, por exemplo, não há regularidade no uso dessas *categorias*. Para além disso, algumas *categorias* aparecem uma única vez, como é o caso das *categorias* “prestígio social”, “paradigmas”, “questão da recepção” e “revoluções científicas”, o que reforça a ideia de que, na HL, não há uma única forma de empregar, de entender e até de designar as *categorias de análise* e, a partir dos dados apresentados no quadro, é possível observar, ainda, que os materiais produzidos, quando analisados por instituição e especificamente por orientador, não privilegiam as mesmas *categorias*, de modo que não há uma regularidade no uso ou na frequência de uso, o que possibilita inferir que a escolha por trabalhar e explorar determinada *categoria* fica a critério de cada pesquisador.

Observando o quadro, nota-se o uso de “clima de opinião” como uma *categoria de análise*. Esse dado chama atenção pelo fato de que, além de poder ser interpretado como uma *categoria de análise*, o termo, em HL, também pode ser entendido como um “conceito” ligado aos princípios de investigação propostos por Koerner (2014[1995])²⁵ para a área, como é possível visualizar nas palavras do autor:

O primeiro princípio para a apresentação das teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos tem a ver com o estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em questão. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram. Na verdade, o que Goethe chamou de *Geist der Zeiten* sempre deixou as suas marcas no pensamento linguístico. Por vezes, a influência da situação socioeconômica, e mesmo política, deve igualmente ser tida em conta (considere-se a discussão sobre a ‘ordem natural’ da organização sintática, na França do século XVIII, na qual o francês foi apresentado como uma língua superior às outras, e as aspirações de supremacia política da França no mesmo período). Esta primeira diretriz pode ser chamada de ‘princípio da contextualização’ (KOERNER (2014[1995], p. 58).

Como se pode verificar, há na HL, como em qualquer outra área, a possibilidade de entendimento e de uso de noções, conceitos, ideias etc., de diversas formas, cabendo, nesses casos, ao pesquisador a explicitação do entendimento que dá ao uso dos termos.

Os dados levantados pela pesquisa revelam que, na HL, apesar de o uso de formas descritivo-analíticas ser valorizado metodologicamente nas análises, não há uma sistematização no que diz respeito às definições ou ao uso de determinadas *categorias de análise*. Dito de outra forma, apesar de

25 O artigo *Persistent Issues in Linguistic Historiography* é datado de 1995. Para esta pesquisa, foi usada a tradução feita por Cristina Altman, no livro *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados* (2014).

serem relevantes para a área da HL, as categorias são utilizadas, definidas e, muitas vezes, nomeadas seguindo a proposta de cada autor.

Por fim, retomando o modo como essas *categorias* são utilizadas nos trabalhos analisados, sobressai-se, ainda, o dado de que apenas 2 trabalhos, no universo de 98, apresentam algum tipo de explicação, definição ou conceito sobre o que sejam essas *categorias* ou sobre o modo como se entende *categoria* nos textos, como é possível observar nos trechos a seguir, retirados de uma dissertação e de uma tese.

(D24_PUC-SP²⁶) “Detectam-se aqui as “categorias”, que, entre outros requisitos, imprimem cientificidade a um trabalho. As categorias de análise são pontos relevantes que emergem das fontes primárias ou secundárias, ou seja, são aspectos que vão ser examinados no interior do documento” (PEIXOTO, 2008, p. 16).

(T3_PUC-SP²⁷) “Por fim, as *categorias de análise* são pontos relevantes que emergem das fontes primárias, ou seja, são os aspectos que vão ser analisados no texto” (MENDES, 2010, p. 171, grifos da autora).

Nos casos dos exemplos apresentados, observa-se que os autores dos trabalhos explicitam a importância de se aplicar as *categorias* aos trabalhos e que ambos procedem com uma breve explicação sobre o que sejam elas. No entanto, fica evidente, pelos números, que esta não é uma prática recorrente nos trabalhos da área, mesmo naqueles trabalhos em que conceituações sejam valorizadas, como é o caso de dissertações e teses.

Considerações finais

O intuito deste texto não foi o de chegar a conclusões sobre os pontos levantados, mas oferecer um material que possa ajudar os historiógrafos a

26 D24_PUC-SP. Orientação de Palma e autoria de Davi Silva Peixoto.

27 T3_PUC-SP. Orientação de Palma e autoria de Maria de Fátima Mendes.

refletir sobre o uso dessas *categorias* na área, principalmente, entendendo a relevância que elas passam a ter em um trabalho historiográfico.

Em suas considerações sobre as “Questões que persistem na historiografia linguística”, título do artigo de 1995, Koerner (2014 [1995])²⁸ lembra que “os historiadores da linguística devem insistir em procurar o seu próprio quadro, a sua própria metodologia e epistemologia, e não podem ficar à espera e aplicar os métodos e os ensinamentos de outros campos diretamente ao seu objeto de investigação” (KOERNER, 2014 [1995], p. 46), assim, os historiógrafos devem buscar um quadro de trabalho ou uma metodologia que operacionalize seu trabalho e que impacte de forma positiva nos dados investigados. O que se observou, nesta pesquisa, é que, na maioria das vezes, não há uma definição ou explicitação do que os pesquisadores entendem por *categorias*, como também não é comum que haja a distinção entre o que se entende por princípio, por parâmetro, por metodologia etc., termos que se apresentam de forma recorrente em diversas pesquisas em HL e que, quando utilizados, colaboram para a composição desse referido quadro de trabalho.

Esta pesquisa não teve a presunção de tentar definir que *categorias* servem à HL, nem, tampouco, definir o que se deve entender por *categoria de análise* na área, mas, sim, o objetivo de promover uma reflexão sobre um aspecto que merece a atenção dos historiógrafos por se constituir como um recurso metodológico relevante que auxilia na organização e no desenvolvimento de uma pesquisa e, na melhor das hipóteses, reforçar, como afirma Altman (2021), essa “procura consciente por uma metodologia própria, que seja explícita e tão rigorosa quanto aquela alcançada por outras metadisciplinas com as quais dialoga” (ALTMAN, 2021, p. 240).

28 O texto em questão foi publicado pela primeira vez, em português, sob o título “Questões que persistem em historiografia linguística”, no ano de 1996. No entanto, trata-se de uma tradução, elaborada por Cristina Altman (USP, São Paulo), com base no artigo “Persistent Issues in Linguistic Historiography”, de Koerner, publicado no ano de 1995.

De posse dessa discussão, é importante reforçar que os dados apresentados neste estudo buscam também auxiliar os pesquisadores, principalmente os iniciantes, a organizarem da forma mais consciente seu quadro de trabalho.

Referências

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

_____. A ciência, a história da ciência e o seu ensino. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, 2021, p. 233-257.

BARTELMEBS, Roberta Chiesa. Analisando os dados na pesquisa qualitativa. *In: Metodologias de Estudos e Pesquisas em Educação III*. 2013.

COELHO, Olga; NÓBREGRA, Rogério; ALVES, Bruno Fochesato. A técnica de mapeamento de produção linguística: exemplificação em um estudo de caso. *In: Fontes para a Historiografia Linguística: caminhos para a pesquisa documental*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

KOERNER, E. F. K. Questões que persistem na Historiografia Linguística. *In: Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1995]. p. 45-63.

MURRAY, Stephen O. Theory Groups in Science. *In: Theory Groups and The Study of Language in North America*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia. 1994. p. 1-26.

OLIVEIRA, Meryane S. **A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2020): um estudo acerca da recepção de ideias e da produção de materiais ao longo de quase três décadas de implantação da área**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Piauí, 2022.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas em la historiografia de la lingüística. Nuevas Aportaciones a la historiografia lingüística. **Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL**. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. 2004, p. 113-146.

_____. Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la

terminografie linguistiques. **Revista do Gel**. v.7, n.2, 2010a, p. 9-29.

Referências das dissertações e teses

BECCARI, Alessandro Jocelito. Uma tradução da *Grammatica Speculativa* de Tomás de Erfurt para o português: acompanhada de um estudo introdutório. Notas e Glossário. *Tese de Doutorado*. UFPR - Universidade Federal do Paraná. 2013, 500F.

BORGES, Patrícia de Souza. Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI). *Dissertação de Mestrado*. USP - Universidade de São Paulo. 2015, 238f.

CASTRO, Giselle Trajano Ignacio. Gramática da língua inglesa no Brasil oitocentista: descrição e análise. *Tese de Doutorado*. UFF – Universidade Federal Fluminense. 2019. 214f.

FERNANDES, Victor Hugo Ramão. Concepções linguísticas dos séculos XVI e XXI: o pronome numa perspectiva historiográfica. *Dissertação de mestrado*. PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018, 110f.

MENDES, Maria de Fátima. Cartas Chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga: um estudo historiográfico dos recursos linguísticos e argumentativos. *Tese de Doutorado*. PUC-SP -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010, 358f.

MOREIRA, Patrícia Verônica. Historiografia-linguística do *Morfologia do conto maravilhoso* de Vladimir Iakovlevich Propp. *Dissertação de Mestrado*. UFG - Universidade Federal de Goiás. 2014, 115f.

NETO, João Coelho da Rocha. A Língua Portuguesa no Brasil e os elementos históricos representativos da identidade do homem nordestino em “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. *Dissertação de Mestrado*. PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008, 142f.

PEIXOTO, Davi Silva. A Construção da Argumentação no Sermão da Primeira Dominga do Advento: um Estudo Historiográfico. *Dissertação de Mestrado*. PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008, 68f.

PIO, Gláucia Castro Aguiar. Estudo historiográfico do tratamento dado às categorias Gênero e Número dos substantivos simples na GHLP. *Dissertação de Mestrado*. UFPI - Universidade Federal do Piauí. 2017, 145f.

POLACHINI, Bruna Soares. Uma história serial e conceitual da gramática brasileiras oitocentista de língua portuguesa. 2018. *Tese de Doutorado*. USP – Universidade de São Paulo. 2018, 450.

SANTOS, Barbara Poubel dos. O Imperial Instituto de Meninos Cegos (1854): uma análise pela Historiografia Linguística. *Dissertação de Mestrado*. UFF - Universidade Federal Fluminense. 2020, 120f.

SANTOS, Flavia Karla Ribeiro. O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França. *Tese de Doutorado*. UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2020, 348f.

SILVA, Paulo Henrique Gonçalves Oliveira da. Ideias linguísticas no século XVI: o pensamento de João de Barros – uma análise pela Historiografia da Linguística. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2016, 88f.

SILVA, Leonardo Gueiros da. Da emergência à legitimação da tradição sociodiscursiva na pesquisa linguística brasileira e suas implicações para reflexão sobre ensino de língua portuguesa (1970-1999). 2019. *Tese de Doutorado*. UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. 2019, 250f.

TORELLI, Lygia Rachel Testa. Definir e exemplificar: estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907). *Dissertação de mestrado*. USP – Universidade de São Paulo. 2015, 228f.